



Oficinas Literárias



SUSTENTANDO OS PILARES DO MUNDO

Comitê Gestor de Equidade de Gênero, Raça e
Diversidade do TRT da 4ª Região-RS

Conteúdo

Apresentação	3
Prefácio	6
Um pouco sobre mim	9
Alanny Madyson Barboza Silveira.....	9
Alessandra Jacques Paim.....	12
Ana Rogéria Martins Pedroso.....	14
Carina Barbosa Silva	17
Claudete dos Santos Flores	20
Cristiane Jaques Ferreira.....	23
Gislaine Amaral dos Santos	25
Jéssica Sabrina Oliveira dos Santos.....	29
Lúcia Rodrigues de Matos	31
Paula Roberta Souza de Oliveira da Costa.....	35
Rosa Maria Ferreira dos Santos	39
Rosienne Noisette	42
Sabrina Fontes da Silveira	44
Shaianne da Rosa Pereira Buava	47
Simone Conceição de Souza Guedes	49
Pósfacio	52



Apresentação



**Exijo a sorte comum das mulheres nos
[tanques,
das que jamais verão seu nome impresso e no entanto
sustentam os pilares do mundo
Adélia Prado**

O verso acima faz parte do poema Dolores, da poeta mineira Adélia Prado, e serviu de inspiração para nomear a oficina de leitura e escrita Sustentando os pilares do mundo. Ministrada no Tribunal Regional do Trabalho - TRF4, em Porto Alegre, de outubro a dezembro de 2024, a oficina contou com a participação majoritária de trabalhadoras terceirizadas.

Um dos textos que nortearam o trabalho foi o ensaio O direito à literatura, do professor Antônio Cândido. Segundo ele, pensar a literatura como direito exige que pensemos nos pressupostos do direito humano. Casa, comida, educação, saúde são direitos básicos para uma existência minimamente digna, mas e ler Dostoiévski? Ouvir Beethoven? Quem tem esse direito? A fruição da arte e da literatura estão na mesma categoria dos outros direitos? Se não, por quê? Para o professor, é necessário alargar o nosso conceito de literatura da maneira mais ampla possível:

Todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista assim, dessa perspectiva, a literatura aparece como uma manifestação universal de todo ser humano em todos os tempos e não há povo ou ser humano que possa viver sem ela. Do sujeito que não foi alfabetizado ao mais erudito, todos nós temos necessidade de alguma espécie de fabulação que pode vir na anedota,



no caso, na história em quadrinho, no noticiário policial, na canção popular, na moda de viola, no samba carnavalesco (CÂNDIDO, 2011, p. 176).

Pois bem!

Durante algumas horas nos meses de outubro a dezembro, as trabalhadoras terceirizadas do Tribunal deixaram de lado baldes, vassouras e panos para se debruçarem sobre a literatura. Sim, a tia do cafezinho, a moça da limpeza também têm direito à literatura. Durante algumas horas, o material de limpeza, a vassoura e o rodo foram trocados por caneta e papel.

Segundo Paulo Freire, a palavra foi roubada dos oprimidos. É preciso tomá-la de volta. Os textos a seguir refletem a concretização desse exercício: mulheres do povo, mães de filhos, periféricas, durante algumas horas, tomando de volta a palavra para dizerem e pensarem criticamente sobre suas vidas, para se assumirem como protagonistas de suas histórias. Vivemos durante os encontros um grande exercício de leitura, escuta e escrita.

Abram os corações e boa leitura!



Prefácio



As Oficinas Literárias nasceram de papel: Edital do Programa de Equidade de Raça, Gênero e Diversidade da Justiça do Trabalho, com chamada pública aos Tribunais Regionais do Trabalho para apresentação de projetos. Concepção. Inscrição. Seleção. Execução pelo Comitê Gestor de Equidade de Gênero, Raça e Diversidade do TRT da 4ª Região, com apoio irrestrito e entusiasmado da Escola Judicial do TRT4.

Participaram das Oficinas Alanny Madyson Barbosa Silveira, Alessandra Jacques Paim, Aline Beatriz da Silva, Ana Cristina Figueiredo da Silva, Ana Rogéria Martins Pedroso, Carina Barbosa Silva, Claudete dos Santos Flores, Cristiane Jaques Ferreira, Cristina Grasel de Oliveira, Daisy de Souza Conceição, Evelyn Koehler Barbosa, Franciele Kethelyn Santos da Rocha, Gislaine Amaral dos Santos, Hamanda Ferreira Ferreira, Jéssica Sabrina Oliveira dos Santos, Jislaine Alves de Oliveira, Linete Coimbra de Souza, Lúcia Rodrigues de Matos, Natiele da Silva Paré, Paula Roberta Souza de Oliveira da Costa, Rita de Cássia Chrisostomo, Rosa Maria Ferreira dos Santos, Rosienne Noisetete, Sabrina Fontes da Silveira, Shaianne da Rosa Pereira Buava, Simone Conceição de Souza Guedes e Tainara da Luz Salles.

Com as participantes, passaram a ser alguns questionamentos (“quem não sabe ler e escrever pode participar?”), dúvida (“mas como, se é uma oficina de leitura e escrita”), tentativa (“não sei como...mas somos mulheres e daremos um jeito!”), cumplicidade (“ela falou isso porque é minha amiga e sabia que eu não falaria...a que não sabe ler e escrever sou eu...”) e confiança (“alguma coisa vou aprender!”).

Com a Dalva Maria Soares, as Oficinas passaram a ser “Sustentando os Pilares do Mundo”, e assumiram muitos rostos, quase todos negros, com seus ricos e variados relatos. Relatos de passados, de presentes, de rotinas, de expectativas, de maternidades, de lutos, de desencantos e de encantos...uma efervescência... com lágrimas e muitos risos.... muitas leituras, escutas, olhos nos olhos e escritas!



Antes, em março de 2024, em um dos encontros Direito e Literatura na Escola Judicial do TRT4, com as juízas Daniela Floss e Maria Teresa Vieira da Silva e o juiz Oscar Krost, a escritora Dalva Maria Soares, questionadora como somente ela sabe ser, disse “esta sala tinha de estar cheia do pessoal da limpeza, pessoal do cafezinho”.

As Oficinas desfilaram pela “Festa cultural da Diversidade do TRT4”, e inspiraram ingressos e regressos aos bancos escolares...um dos regressos, depois de 32 anos!

As Oficinas, agora, são este livro! Cuidadosa e lindamente elaborado pela Secretaria de Comunicação Social do TRT4.

São, também, uma gestação: programa de alfabetização e complementação da formação de pessoas que trabalham mediante terceirização no TRT da 4ª Região, com aspiração a que venha a se espriar para outras instituições do sistema de Justiça do Rio Grande do Sul.

Agradeço a oportunidade de estar escrevendo estas linhas a todas as pessoas que estiveram, de variadas formas, nas Oficinas “Sustentando os Pilares do Mundo” e, em especial, às mulheres que lá estavam e estão agora neste livro e, antecipadamente, às que estarão nas muitas próximas edições que virão...

Dalva Maria Soares, aqui estão as mulheres da limpeza e do cafezinho... e vieram para ficar! Para escutar, para ler e escrever, para aprender e ensinar!

Adélia Prado, as mulheres que tu sabes que sustentam os pilares do mundo, inclusive do TRT da 4ª Região, quase todas negras, agora, e daqui para frente, verão os seus nomes impressos... neste livro, em outros livros... e em onde mais elas quiserem.

Lúcia Rodrigues de Matos





Um pouco sobre mim

Alanny Madyson Barboza Silveira

Meu nome é Alanny Madyson Barboza Silveira. Nascida em 2002, faço aniversário dia seis de abril. Queria poder narrar minha história... ao menos gostaria que tivesse tido um pouco de controle sobre ela. Mas, assim como é a vida, tudo tem fim e tudo tem início.

O começo foi turbulento, na minha infância. Tive que ver diversas brigas entre meu pai e minha mãe, que partiam do verbal pro físico, mas me incomodava mesmo era quando meu irmão mais velho acabava apanhado sem nenhum motivo. A culpa era deles, dois adultos fúteis que, com certeza, nunca foram feitos um pro outro e, muito menos, pra construírem uma família.

Se bem me lembro, por mais que o lar fosse conturbado, eu tinha minha própria válvula de escape. Como toda criança, a imaginação me salvou: inventava histórias e, nelas, eu criava meus personagens – quem eu era, quem eu gostaria de me tornar e como eu queria que as pessoas fossem. Eu tinha sete anos quando comecei a me dar conta de que eu era diferente das outras crianças. Meu cérebro era lento, a minha alma parecia que ia sair do corpo todo, e qualquer tipo de barulho me distraía super fácil. Também não podia deixar de notar que, dentro da sala de aula, quando a professora ia fazer a chamada – e naquela época era tudo separado, a fila dos meninos e a fila das meninas –, eu sentia desconforto por ouvir ela falando meu nome. Como eu sempre fui muito compreensiva, pensava que não tinha nada a ser feito. Tendo me entendido trans, ninguém além de mim tinha culpa que aquela criança nasceu num corpo cuja mente não correspondia ao resto.

Essa sensação de desconforto era o que mais me impulsionava. Gostava da parte de ser uma criança, é verdade, mas queria entender como eu podia, nesse mundo todo, ser uma criança com a mente tão aflorada. Ninguém me disse nada sobre isso, eu nunca tive o convívio com outras pessoas trans, mas como aquilo ficou na minha mente! Desde que eu entendi

que existe o Fernando e também tem a Fernanda, eu preferia ser a Fernanda. Alguém podia explicar?

Cheguei a me calar por um bom tempo e seguir uma vida normal, ou uma infância normal, mas queria respostas. Como não as obtive, falei pros meus pais que eu não iria mais à escola. Eles não davam muito bola pra nada... até insistiram que eu continuasse indo por um tempo, depois se cansaram. O tempo foi correndo e eu ia sendo passada de ano só por presença. Tive que fazer EJA aos 16. Cresci e entendi melhor como tudo funcionava, mas ainda me questionava muito sobre mim.

Aos 15 anos contei pra minha mãe que eu era gay, já que me interessava por homens. Achei justo ela saber, apesar de que o bairro inteiro já comentava, e também nunca fui de esconder quem eu era – só não sabia as palavras certas pra me descrever. Passei minha pré-adolescência toda com medo da minha voz ficar como a dos outros meninos, os pelos da puberdade aparecerem, sem falar da disforia de gênero que atacava quando ficavam me chamando de Allysson a todo momento. Mas, lembra que eu sempre fui compreensiva? Bom, não tinha outro jeito.

Fico pensando que, se minha família tivesse prestado atenção, eles teriam entendido de primeira. Daí, acho que pra Alanny teriam duas alternativas: ou ser expulsa de casa ou ser internada. Sempre tive a impressão de que, de alguma forma, eu seria silenciada. E sou. Pelo sistema, pela família, pelo guia religioso, por amigos e amores não recíprocos... Tanta coisa, e tenho só 22 anos, mas parece que já sei o início, o meio e o fim dessa história.





Um pouco sobre mim

Alessandra Jacques Paim

Porto Alegre, 18 de novembro de 2024.

Mãe,

Estou escrevendo para você, pois tem coisas e sentimentos que, mesmo estando tão perto, fica difícil de dizer. Passamos por tanta correria no nosso dia a dia, que falta tempo para expressar minha admiração por você ser essa mulher guerreira e tão importante. Sua força me faz querer ser assim, especial para os meus filhos como você é para mim. Não sei o que faria se nosso Deus te levasse embora, pois você é meu céu e minha terra.

Te amo muito!

Alessandra Paim





Um pouco sobre mim

Ana Rogéria Martins Pedroso

Sou mulher de cabelos pretos, cor parda, tenho 55 anos, mãe de cinco filhos e vó de dez netos. Adoro juntar meus filhos na minha casa, gosto de ver filmes e não sou de sair muito. Trabalho no TRT4 há 15 anos. Amo o que faço.



Porto Alegre, 18 de novembro de 2024.

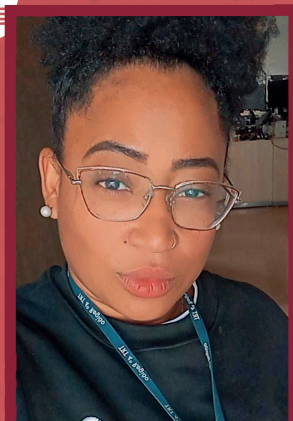
Vó,

Tenho saudades. O pátio não foi o mesmo sem a senhora. Passo na frente de sua casa e olho para dentro, na esperança de ver você, mas sei que já se foi há 16 anos. Era tão bom sentar na área e tomar mate. E quando a senhora me convidava para ir ajudá-la a limpar a escola onde trabalhava? Me sentia muito importante, pois estávamos juntas. Seus Natais eram sempre tão cheios de coisas gostosas... A casa cheia nem existe mais, foi cada um para um lado. Agradeço pela educação que a senhora deu para o Lucas. Saiba que ele se tornou um homem maravilhoso!

Saudades de você.

Ana Martins





Um pouco sobre mim

Carina Barbosa Silva

Sou Carina Barbosa Silva, mãe de quatro filhos, Kayllan, Emyllyn, Murilo e Antônia, dois casais, que Deus me abençoou. Mãe solo, trabalho há 9 meses no Tribunal.

Eu, Carina Barbosa Silva, me tornei o que eu menos temia: uma mãe sozinha, guerreira e forte, que desde a infância passou por coisas terríveis. Começando pela minha família, que fez parte desse terror: julgavam uma adolescente rebelde. Mas aquela rebeldia não era em vão, existia apenas para chamar atenção da mãe que fez eu me tornar assim. Também aprendi muita coisa, como o fato de a vida não poder ser como queremos.

Minha mãe, Marcelina Rodrigues, pobre, doméstica, sempre trabalhou duro para sustentar sua família. Mãe de cinco filhos, nunca deixou faltar nada para nós. Sempre com dores articulares, e mesmo assim não faltava nenhum dia de trabalho, até porque nem podia. Se faltasse, não comia nem alimentava seus filhos. Sempre tive orgulho de ela seguir seu rumo, mesmo não querendo. Vivia dizendo na infância que não iria fazer igual, vendo tanta humilhação que ela passava com suas chefes, mas admiro essa mãe forte e guerreira que ela foi.

Minha mãe viveu uma relação abusiva. Nesse mesmo tempo, sempre trabalhava para que os filhos pudessem ter as coisas... a única coisa que faltou foi o amor de mãe que eles tanto queriam. Fui a prova disso. Falava que eu não queria ser mãe, pelo que passei com a minha, mas a vida te mostra que não é bem assim. Acabei virando mãe muito jovem, pela minha rebeldia de adolescente, e me sinto satisfeita de ter me tornado uma mãe forte e guerreira, igual a minha foi. Aliás, uma mãe melhor que a minha foi para mim: dou amor os meus filhos.

Sou mãe sozinha, trabalhadeira, não dependo de ninguém. Meus filhos são bem encaminhados e me orgulho de ter esses quatro filhos fortes, abençoados. Achei que não ia conseguir, mas estava enganada e dei conta de tudo, graças ao bom Deus. Amo eles, faço de tudo por eles, mesmo cansada, mesmo não podendo nem me sentar quando chego do meu emprego: para mim, isso é uma honra a se ter. Ser mãe sozinha não é vergonha, é uma luta da qual se deve ter orgulho!





Um pouco sobre mim

Claudete dos Santos Flores

Sou uma mulher de 48 anos, mãe de 7 filhos e avó de 8 netos. Minha família é tudo para mim, e eu faria qualquer coisa para garantir que eles sejam felizes. Eu não tive a oportunidade de estudar, mas isso não me impediu de lutar pelos meus objetivos. Eu trabalhei duro e consegui um lugar no tribunal, onde estou trabalhando pela terceira vez. Eu sou uma mulher decidida e focada no que eu quero. Eu não desisto facilmente, e sempre busco superar os obstáculos que se colocam em meu caminho. Eu estou muito feliz em participar deste livro e compartilhar minha história com vocês. Espero que minha história possa inspirar outras mulheres a lutar pelos seus sonhos e nunca desistir.

Não sou perfeita nem a mais bonita, mas sou única e me amo do jeitinho que sou. Faço tudo com amor, gosto do que cozinho, das minhas estrias, do meu corpo, das minhas marcas. Já passei por muita coisa, sou uma guerreira com cicatrizes que contam minha história. Tem gente que gosta de mim, tem quem não gosta, e tá tudo certo, sigo em frente sendo forte, aprendendo com os erros e sem seguir padrões. Saio de cara lavada e com o cabelo preso, e continuo sendo mulher do mesmo jeito. Nem todo dia é fácil, mas aprendi que tudo tem seu tempo. O importante é que eu me conheço, me valorizo e me amo – e isso é o que realmente importa. Eu pedi a ajuda das minhas filhas para fazer este livro.

Não tive a oportunidade de estudar, porque tive que trabalhar na lavoura com meus pais. Por isso, sei ler muito pouco e não sei escrever. Sempre trabalhei pra sustentar meus filhos e a gente só tinha uma vez na semana pra conversar. Tentei dar o melhor pra eles. Graças a Deus, hoje são pessoas educadas e trabalhadoras. Tenho dois adolescentes que ainda dependem de mim e estudam; dois filhos formados em segurança armada e eles conseguiram realizar os sonhos deles. Meus amores da minha vida! Gostaria de, um dia, ter uma padaria pra passar os dias fazendo doces e salgados.

A primeira carta que fiz foi com a ajuda da minha colega Cristina, e a segunda com o apoio da minha filha. Tenho mesmo uma família incrível! Conteí da minha netinha? Uma menina de 10 anos que nasceu prematura e, devido a isso, tem um problema auditivo. Ela precisa de um aparelho pra se comunicar, então resolvi fazer uma rifa pra conseguir comprar o aparelho auditivo. Graças a Deus eu consegui, porque ele colocou pessoas incríveis na minha vida: meus amigos e familiares, e o pessoal do TRT, do sétimo andar, que confiou em mim e me ajudou a alcançar esse objetivo. Sou muito grata a todos.

Falar de mim é fácil, difícil é ser eu.



Um pouco sobre mim

Cristiane Jaques Ferreira

Porto Alegre, 18 de novembro de 2024.

Hartur,

Quando você crescer, não poderei encontrar uma solução para todos os problemas que você vai enfrentar pela frente, mas estarei sempre ao seu lado. Não posso prometer que você nunca cairá, mas prometo que vou lhe dar a mão para te levantar. Eu não serei capaz de evitar suas lágrimas, mas prometo chorar com você. Eu queria mudar o mundo por você, te proteger dos dias tristes e sorrir com você nos dias alegres. Não posso te prometer que estarei aqui a vida toda, mas prometo te amar por toda a vida!

Cristiane.





Um pouco sobre mim

Gislaine Amaral dos Santos

Tenho 49 anos, sou natural de Palmeira das Missões, tenho 4 filhos, sendo eles Angela Gabriela de 30 anos, Juliana Stefani de 24 anos, Brendon Willian de 21 anos e o Taylor Joaquim de 14 anos, tenho 2 netos, uma de 11 anos e o Matheus de 3 meses, sou casada há 29 anos com meu marido Pedro, que tem 59 anos, é um ótimo marido que cuida muito bem dos filhos e de mim, sempre está ao meu lado, trabalho no tribunal há 9 meses, sou salista, o que pra mim é um orgulho enorme de trabalhar no tribunal, e honra poder fazer parte da equipe do tribunal. Sobre a oficina eu amei, estou aprendendo muitas coisas no qual eu não sabia, eu não tive muitas chances de estudar pois eu comecei a trabalhar muito cedo, e o pouco que eu sei foram os meus filhos que me ensinaram. Estou aprendendo cada vez mais. Eu gosto de estar presente sempre com minha família, gosto da natureza e as plantas, amo jardinagem, amo muito coisas relacionadas à natureza. Meu sonho é poder voltar a estudar e realizar meu sonho de poder abrir minha confeitaria.

Desde pequena, sempre tive sede de estudar. Quando criança era meu sonho, mas como nada é como queremos... Vou contar um pouco de mim. Venho de uma família humilde, com doze irmãos. A vida na roça é muito difícil.

Antigamente, era comum dar os filhos pra outra família. Era assim que os meus pais achavam que nós poderíamos ter uma vida melhor. Quando me doaram, com apenas seis anos, foi um dia estranho. Chegou uma senhora com brinquedos, cesta básica e muita comida, pedindo pra minha mãe um de seus filhos. “Pode escolher”. E eu, eu fui a escolhida, mas tinha um trato: que eu ganhasse alimentação, roupas e o meu maior sonho, os estudos. Não me adaptei com a senhora. Fui morar então com a minha irmã, onde eu limpava, cozinhava e cuidava muito bem dos seus três filhos. Era trabalho escravo e infantil. Não aguentei de tanto apanhar, fora as humilhações. E o estudo que era bom, nada! Foi uma das piores fases da minha vida.

Sempre trabalhei. Aos dez anos, pra comer frutas e tomar iogurte, eu tinha que trabalhar na casa de uma outra senhora. Nunca soube o que era segurar um lápis na mão. De roça era o que eu mais entendia. Trabalhar era o meu sobrenome. Tinha 17 anos quando adotei a minha filha, com muito amor. Foi o presente que Deus me deu, porque sabia que essa criança me amaria. Sou mãe de quatro filhos maravilhosos, tenho uma netinha, mas a minha vida não foi nada fácil. Na época, minha mãe não tinha televisão nem rádio.

O momento mais feliz da minha vida foi o que guardei na memória. Pra mim, felicidade era quando chegava à tardinha e as crianças pediam pra eu contar histórias. Pegava meu banquinho e contava sem saber escrever sequer uma palavra. Hoje, com tudo que já passei, com o meu sonho de voltar a estudar, vivo como fogo. Essa oficina me ensinou que sou uma mulher que sustenta os pilares do mundo, e foi uma forma de realizar o meu sonho de saber ler e escrever. Acho que é um direito de todos.

Sustentando os pilares do mundo, eu vou em frente, exercendo meu direito de ler e escrever, agarrada no direito de me permitir sonhar. Tem sempre alguém que ajuda a não deixar eles morrerem. O meu e o de várias mulheres, pois todas temos sonhos, mesmo que a vida não nos tenha dado uma oportunidade de sonhar.

Gislaine, 48 anos.

Porto Alegre, RS, 2024.



Um pouco sobre mim

Jéssica Sabrina Oliveira dos Santos

Porto Alegre, 18 de novembro de 2024.

Pai,

Há vinte e dois anos você partiu, e a saudade é grande. Lembro de você em todas as ocasiões. Hoje, estou com duas filhas lindas: Lorrana e Heloisa. Você ia amar tuas netas... uma pena que você partiu cedo. Mas você está sempre em nossos corações! Estou feliz, casada com uma pessoa que é amigo, companheiro, paizão para as tuas netas. Continuo aqui, fazendo certinho tudo que eu ouvia tu falar. Te amamos muito. Fica com Deus. Cuida de nós daí, que nos viramos daqui.

Jéssica.



Risos e choros

Sou Jéssica e tenho duas filhas: Heloísa e Lorrana. Sou casada. Tenho um companheiro, pai e amigo. Vivemos há 19 anos juntos, sorrindo e chorando. Sou vaidosa, mas não gosto de maquiagem. Amo viver pelos risos. Choro pelos baixos e altos. Amo viver, simplesmente pela certeza de que a vida ainda tem muito mais. Amo viver porque a vida ainda não me mostrou todas as formas de amar, nem me deu todos os motivos para chorar. Amo viver porque a vida ainda não me levou a todos os lugares, nem mostrou todos os valores. Amo viver pela incerteza do amanhã, pois a cada nascer do sol não sei se o verei se pôr de novo. Enquanto amanhecer, estarei sorrindo.



Um pouco sobre mim

Lúcia Rodrigues de Matos

Mulher, 55 anos, que acredita na convivência humana como desafio e melhor coisa da vida. Adora ler e lê menos do que gostaria. É mãe da Laira e do Raul. Integra a Justiça do Trabalho do Rio Grande do Sul desde 1999, primeiramente como servidora e, depois, como juíza do trabalho substituta. Está começando a pensar na aposentadoria...

Porto Alegre, 18 de novembro de 2024.

Lúcia, querida!

Não tenho ideia de como esta carta vai te encontrar... de verdade, não tenho ideia. E queria muito ter, afinal, eu sempre tive uma ideia sobre as coisas, as pessoas, sobre mim... sobre tudo! Sempre tão julgadora... e como era difícil desconstituir uma ideia. Mas era ainda mais difícil viver sem uma. Lembra quando eu cismeiei que iria perguntar para as amigas e amigos quem eu era? “Quem é Lúcia?” Nunca tive coragem, claro. Imagine as respostas desfilando na minha frente e eu ali, contestando uma a uma. Imagine sair do controle e ouvir da boca de outras pessoas quem era Lúcia?

Bem, já estou perdendo o fio da meada... E para retomar o fio, precisaria saber qual é a meada, se não o fio não corre. Mas, vamos lá...

Provocada por Dalva Maria Soares (e tem de ser assim, com todos os nomes, para que ainda mais gente venha a saber quem é Dalva Maria Soares, e o que ela escreve, e o que desperta), estou aqui te contando – acho... não, tenho certeza – de como era estar “na ativa”, com toda a violência que carrega essa expressão, ao “desativar”, pela oposição, os seres humanos que “não trabalham”. Ajustando o tempo do verbo, porque sou a eu de hoje contando para ti, a eu de amanhã, que estar “na ativa” é desafiador, cansativo, esperançoso e... cômodo. Fico pensando como será/está sendo para ti não estar “na ativa”. Então, em verdade, percebo que não vim te contar sobre o que eu sou/ faço hoje, porque isso tu já sabes, mas para te sondar sobre o que tu estás fazendo/és. Pronto! E aí reencontro o fio condutor entre nós duas: chama-se responsabilidade. Mas, não... se não for para ser sincera, não vale a pena escrever. Na verdade, chama-se cautela. A cautela é o fio que nos une. Estar aqui e aí provoca Lúcias diferentes, e essa daí eu não conheço. Esta daqui, tampouco. E assim seguimos...

Te envio um abraço forte e corajoso, com a coragem não de quem não tem medo, mas de quem vai com medo mesmo, como me ensinou outro dia a minha filha Laira, que se apaixonou por essa frase em um, livro.

Abraços esperançosos (acho)!

Te cuida. Ou melhor, não! Aproveita!



Um pouco sobre mim

Paula Roberta Souza de Oliveira da Costa

Tenho 35 anos, trabalho no tribunal, na limpeza, há 3 anos e tenho 2 filhos, uma menina de 7 anos e um menino de 15 anos, e essa oficina de leitura me ensinou a gostar mais de ler e escrever. Só tenho agradecer cada uma das pessoas por essa oportunidade.

Porto Alegre, 18 de novembro de 2024.

Meu nome é Paula Roberta. No dia 9 de setembro de 2024 descobri que estou com câncer. Foi um choque receber essa notícia. Não está sendo fácil... está doendo. Ontem, dia 17 de novembro, Deus falou para mim que eu estou no deserto, que está difícil, mas que entre janeiro e fevereiro de 2025, vou contar o testemunho da minha vitória: eu, Paula, direi que venci um câncer.

Só tenho a agradecer a essas colegas maravilhosas que estão me apoiando e me dando conforto, dizendo que não estou sozinha.

Paula Roberta



A vida é assim.

Tem dias que a gente tem que parar, levantar a cabeça e respirar fundo para não perdermos o que há de bonito em nós, que é a fé, a esperança e o amor. Tem dias que precisamos nos privar de certas situações para não deixarmos com que a emoção fale mais alto que a nossa razão. Tem dias que é preciso nos escondermos dentro da gente e ficar ali, quietinha, só para sentirmos o cuidado de Deus. Ele nos entende.

Seja grata pela vida, colete memórias e acumule sorrisos. Todo o resto é passageiro.



Um pouco sobre mim

Rosa Maria Ferreira dos Santos

Sou uma mulher de 67 anos, sou mãe de 12 filhos, vó de 20 netos e 2 bisnetos e tive um casamento abusivo, de homem que bebia e gostava de bater...hoje, sou separada e minha vida mudou cem por cento...trabalho no Tribunal há 14 anos. Trabalhei nas varas 11 anos e agora faz 3 anos que estou na sede. Gosto do meu trabalho, gosto do que faço... sou uma mulher muito, muito, vaidosa... aprendi a gostar de mim... sou feliz como sou. Amo meus filhos, meus netos, tanto como meus bisnetos.



Porto Alegre, 18 de novembro de 2024.

Oi, Rosa! Tudo bem?

Queria te falar, lembrar que o que você passou na tua juventude não foi nada fácil. Eu sei. Sei que sua vida foi que nem a de uma escrava.

Tudo começou quando você completou nove anos. Sua mãe te botava pra trabalhar quando você entrava de férias da escola. Você nunca teve uma infância, nunca teve uma festa de aniversário, Natal. Você tinha que escolher um vestido ou um chinelo, mas nenhum brinquedo. Os anos foram passando, e sua vida quase não mudava. Quando completou 18 anos, você decidiu viver sua vida. Conseguiu se firmar no princípio, fez vários cursos, mas depois se casou e vieram os filhos. Você começou a viver pra eles. Disse que sabia que sua vida não tinha sido nada fácil.

Gostei da atitude que tomou pelos seus filhos. Sempre trabalhando, dando tudo de ti para não faltar nada a eles. Hoje, aos 67 anos, você é uma mulher valente, guerreira. Tem seus netos e bisnetos, e sempre faz tudo que está ao seu alcance. Rosa, você sabe que Deus nunca nos dá a carga que não podemos carregar. Não sei te explicar, mas, na nossa vida, sempre temos nossa história pra contar para os nossos filhos, netos e bisnetos. Rosa, hoje lembro o que você passou... deixaste tudo pra trás, tudo é passado.

Agora, sei que é você quem faz a sua história, a sua vida. O tempo de escravos já passou. Vive para seus netos, bisneto e filhos, mesmo cada um tendo sua própria família. Sei também que uma filha sua partiu, e te deixou dois netos pra criar. Mais uma missão que tem que fazer até chegar sua hora de também partir. Você é feliz no seu modo de ser. A vida te ensinou tantas coisas, e você nunca desistiu de viver!

Essa é para a Rosa Maria Ferreira dos Santos do futuro.





Um pouco sobre mim

Rosienne Noisette

Porto Alegre, 18 de novembro de 2024.

Esta carta é para ti, minha querida.

Minha filha, você é minha vida, e sempre me sentirei incompleta quando não estiver ao seu lado. Sinto tanto sua falta. Querida, você sempre foi tudo para mim.

Eu te amo, meu amor.



Porto Alegre, 6 de dezembro de 2024.

Querida professora,

Hoje é um prazer, para mim, escrever uma carta.

À mestre, com todo meu carinho, minha admiração, minha gratidão e a certeza de que vocês são pessoas especiais que existem neste mundo, porque ninguém seria alguém sem vocês. Parabéns!

O melhor presente para dar à professora é o reconhecimento da importância que merece. Que você tenha felicidade na sua vida, dia por dia e para sempre.

Parabéns, mestre!

Que o Senhor continue te iluminando e abençoando sua vida.

Rosienne.





Um pouco sobre mim

Sabrina Fontes da Silveira

Mulher de 45 anos que se equilibra entre vinhos, batatas fritas e a maternidade atípica. Servidora da Justiça do Trabalho, sonhadora, que presa por ligações profundas e intensas.



Arroio do Sal, 7 de janeiro de 2025.

Amiga,

Escrevo pra te falar da vida. Queria muito contar que estou tentando voltar a escrever! Participei de uma oficina lá no trabalho, e uma das tarefas era escrever uma carta. Escrevi pro pai, e acabei perdendo a carta! Perdi também o prazo de entrega do texto. Sim, eu sei, tu tá rindo e pensando o quanto esquecer e perder prazos é a minha cara! Pelo menos eu nunca perdi um pente dentro do meu cabelo! Lembra como eu escrevia bem? Então, acho que também esqueci como se escreve! Esse negócio de transformar em palavras como sinto e vejo o mundo só parece simples. Talvez um dia até tenha sido, mas hoje é um suador só!

Não sei se pelo silenciamento que sofri durante tantos anos, se pela falta de prática e tempo ou, quem sabe, por estar estudando pouco, escrever chega a ser dolorido. Ainda mais com a cobrança excessiva que eu mesma faço. Lembro de ti e penso: seja leve e carinhosa contigo mesma. Sinto saudades. Sinto-me sozinha nesse mundo com frequência, e aprender a viver em minha própria companhia tem sido prioridade, apesar de ser chata pra caramba! Tu também é chata, e ainda assim eu sinto tua falta! Esse teu novo jeito zen te deixou ainda mais insuportável! Espero um dia poder te escrever uma carta lindona, com tudo que sinto e penso – ou quase tudo. Saiba que estou aqui, apesar de distante, apesar de não conseguir colocar em palavras o quão grande é meu sentimento por ti e o quanto me importo.

Abraços,

Sabrina.



Um pouco sobre mim

Shaianne da Rosa Pereira Buava

Nicinha

Na minha infância a casa era sempre cheia
O vizinho da casa da frente, o vizinho da casa do lado
A casa sempre bagunçada, mas alegre e cheia de risada.

Não tinha luxo nem obrigação,
E a implicância era sempre com o meu irmão.
Já tinha endereço e horário para a diversão.

Bons momentos levo comigo, guardados com carinho
Quentinho no coração.

Tinha tanta coisa para brincar, que nem precisava de celular.
A simplicidade da casa e a boa recepção da dona Nice fazia o
nosso lar.



Um pouco sobre mim

Simone Conceição de Souza Guedes

Meu nome é Simone Guedes, sou uma mulher preta, tenho 42 anos, sou casada e tenho uma filha de 13 anos. Trabalho no Tribunal há 10 anos. Sou guerreira, batalhadora e esforçada.

Olho sempre para aquilo que é bom, não para aquilo que me faz mal, e aprendi a ser forte porque conheci uma pessoa que me fez ser forte, que é Jesus. Graças a ele sou quem sou, e os meus problemas já não me afetam porque tenho um Deus maior que meus problemas. Ele me dá forças para vencer todos e com Deus sou mais que vencedora. É com grande prazer que eu escrevo esse texto, contando um pouco de mim. Um forte abraço para quem vai ler este texto.

Pósfacio



Escrever sobre o cotidiano, tal qual fizeram as escritoras das crônicas desse livro, não é tarefa das mais simples. Demanda coragem. Exige deslocar-se de si mesmo, capturar um momento ou sentimento com sensibilidade e verdade, e retratá-los no papel. É praticar a escrevivência, tal qual Conceição Evaristo, ou seja, a escrita como fruto das experiências de vida, resultado daquilo que se viveu, viu e ouviu.

E isso foi lindamente feito por Allany Madison, Alessandra, Ana, Carina, Claudete, Cristiane, Gislaine, Jéssica, Lúcia, Paula Roberta, Rosa, Rosienne, Sabrina e Shaianne. Essas mulheres tiveram a coragem de sair de dentro de sua casca para nos trazer com a escrita das suas existências, contando histórias acerca do seu duro ofício de viver, de superação de doenças, traumas, luto, alegrias, maternidade, emoções de toda sorte, suas percepções de mundo, enfim, que trouxeram de suas vidas o material precioso que deu origem às suas crônicas.

Entre esses textos, muitos pontos de conexão: resistência e sororidade. Suas dores se cotejam. Tal qual Françoise Ega confidenciou para Carolina Maria de Jesus, *“as misérias dos pobres do mundo se parecem como irmãs”*.

A escritora Françoise Ega, nascida na Martinica, mas que viveu na França entre 1920 e 1976, antes de se tornar escritora, trabalhou como doméstica, assim como Carolina Maria de Jesus, e, depois, se tornou uma importante ativista social em defesa dos imigrantes caribenhos na França. Ela conheceu Carolina Maria de Jesus quando estava num ônibus, indo trabalhar como faxineira, e leu na revista Paris Match sobre o sucesso de Quarto de Despejo, isso em 1960. A identificação com o relato de Carolina foi tão grande e tão imediata que fez com que ela comesse a escrever diversas cartas para ela, o que fez de 1960 a 1964. Mas nunca enviou essas cartas. Essas cartas viraram um livro muito tempo depois, chamado *“Cartas a uma negra”*.

As dores das mulheres que assinam as crônicas dessa obra se entrelaçam, tal qual uma colcha de retalhos do universo



feminino. Os textos revelam a posição de cada autora, não são neutros; eles têm cor, gênero, posição social. Alguns foram ditados por mulheres que não sabem ler e escrever, mas, nem por isso, deixam de legar sua voz e nos emocionar. O formato de carta de muitos dos textos é significativo. É uma interpelação que nos convida a ouvir a voz encarnada na escrita.

O fazer literário não se limita à literatura escrita em um livro, muito menos ao cânone literário, porque não é capaz de abraçar as variadas expressões de saberes que o ser humano pode produzir, como cantigas de rodas de capoeira, contação de histórias orais, batalhas de *slam*, peças de teatro de rua, saraus de quebradas, músicas, canções de jongo, zines, rodas de leitura, além de outros.

“Não há saber mais, ou saber menos, há saberes diferentes”, como nos ensinou Paulo Freire. Todas as pessoas são capazes de construir conhecimento, já que os saberes são erigidos de formas diversas e vêm de fontes diversas. Tudo pode ser literatura.

Da mesma forma, a literatura escrita não reclama formação acadêmica ou literata, sua beleza está na sua função de comunicar ou descrever algo com emoção, ou seja, tocando a alma e o coração de quem lê. É preciso esperar a consagração para valorizar a voz de uma trabalhadora?

Lamentavelmente, a legitimidade para produzir literatura no nosso país é reiteradamente questionada. “*Quarto de despejo*”, de Carolina Maria de Jesus, foi difundido e reconhecido internacionalmente. Foi a primeira obra em que uma narrativa, vinda da periferia, sob o olhar de uma mulher negra e favelada, precariamente alfabetizada, teve esse destaque. Em fevereiro de 2021, Carolina Maria de Jesus ganhou o título de Doutora *Honoris Causa* pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), incomodando muita gente que continua sustentando que esse título, concebido, como sabemos, a partir de uma perspectiva eurocêntrica, deve se pautar exclusivamente em conhecimento acadêmico.

Nesse particular, vale citar um dos maiores expoentes da literatura mundial, o escritor português José Saramago, que disse: *“o homem mais sábio que conheci em toda a minha vida não sabia ler nem escrever”*, se referindo ao seu avô, que morreu analfabeto. Saramago registra que quando dormia ao relento, debaixo de uma árvore na casa do avô, esse lhe contava *“(...) histórias e casos (...): lendas, aparições, assombros, episódios singulares, mortes antigas, zaragatas de pau e pedra, palavras de antepassados, um incansável rumor de memórias (...)”*.

O avô não sabia ler ou escrever, mas sabia algo maior: contava histórias com riqueza de detalhes; histórias de fantasias ou histórias da vida real, de seu mundo de homem simples, do campo, que, no inverno, trazia os porquinhos que criava para dormir em sua cama, junto com sua esposa, debaixo de grossas cobertas, para que não morressem de frio.

Ele confessa que imaginava que seu avô era *“o senhor de toda a ciência do mundo (...)”*, pois era capaz *“de pôr o universo em movimento apenas com duas palavras”*.

Ele estava certo.

É o que as escritoras desse livro mostram com excelência.

Muitos vivas a elas por ter nos brindado com um livro permeado pelo afeto, pelo desprendimento e pela superação. Um viva também a quem apostou nesse lindo projeto: a administração do TRT4, a Escola Judicial do TRT4, Lúcia Matos, Dalva Maria Soares e todos aqueles e aquelas que contribuíram, de alguma forma, para esse momento feliz.

Maria Teresa Vieira da Silva





SUSTENTANDO OS PILARES DO MUNDO



Arte da capa: Edson Walker

Diagramação: Secretaria de Comunicação Social
do TRT da 4ª Região-RS

Fonte Palatino Linotype

e-book 57 páginas